

# **PARTILHAS EM MEIO À PANDEMIA: POR UM PROTOCOLO POÉTICO E DANÇADO DE VOLTA ÀS AULAS**

Carolina Romano de Andrade (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – IA-UNESP)<sup>1</sup>

Luiza Romani Ferreira Banov (Universidade de São Paulo – ECA/USP)<sup>2</sup>

Renata Fernandes dos Santos (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – IA-UNESP)<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Esse artigo partilha o processo de escrita à distância do livro *Movimentos de Afeto*: por um protocolo poético e dançado de volta às aulas, elaborado por um núcleo de artistas/educadoras da dança e impulsionado pela pandemia de Covid-19. A metodologia de escrita se deu ao longo de seis meses por meio de ferramentas virtuais de encontro, escrita e edição em tempo real, que possibilitaram a conexão e trocas reflexivas das cinco profissionais da dança e da educação. O trabalho abarcou a diversidade de experiência de cada autora, abordando as problemáticas e impactos da pandemia ao ensino da dança a partir de um conjunto múltiplo e heterogêneo de perspectivas. Neste contexto foram partilhadas as inquietações sobre a volta às aulas e sua relação com as práticas em dança no contexto de isolamento social. Por fim, o presente artigo apresenta um panorama de momentos unificadores da escrita fundamentais para uma obra coletiva, bem como descreve como foi possível a compilação destas ideias, reflexões e experiências em um formato de livro digital no intuito de contribuir com necessidades urgentes que o momento apresentou a artistas e educadores da dança.

## **PALAVRAS-CHAVE**

---

<sup>1</sup> Carolina Romano de Andrade – Artista da Dança licenciada em Dança pela UNICAMP com mestrado em Artes pela mesma Universidade, doutora em Arte Educação, com Pós-Doutorado em Artes pelo IA/UNESP e pelo PPGARC/UFRN. Atua como professora colaboradora do Mestrado Profissional em Artes, PROFARTES, UNESP/SP.

<sup>2</sup> Luiza Romani Ferreira Banov – Doutora em Artes Cênicas-Dança ECA/USP. Pré-treinadora em GYROTOMIC® e GYROKINESIS® e idealizadora do Núcleo Dédalos de pesquisa de/em movimento (Piracicaba/SP). Coordena o grupo de pesquisa Pé de Dança Pedagogias da Dança e Antroposofia (Faculdade Rudolf Steiner/Universidade Federal do Triângulo Mineiro).

<sup>3</sup> Renata Fernandes dos Santos – Bacharel e Licenciada em Dança pela UNICAMP e mestre em Artes pelo IA/UNESP. Professora de arte/dança na educação básica pública e coordenadora do grupo/linha de pesquisa Pé de Dança: Pedagogias da Dança e Antroposofia (Faculdade Rudolf Steiner/Universidade Federal do Triângulo Mineiro).

Dança; Educação; Pandemia; Escrita coletiva; Escrita coreografada.

## **SHARINGS AMID THE PANDEMIC: FOR A POETIC AND DANCED PROTOCOL BACK TO SCHOOL**

### **ABSTRACT**

This communication shares the remote writing process of the book *Movimentos de Afeto: por um protocolo poético e dançado de volta às aulas* (Movements of Affection: for a poetic and danced protocol back to school), elaborated by a group of dance artists/educators and driven by the Covid-19 pandemic. The writing methodology took place over six months, through virtual tools for meeting, writing and editing in real time, which enabled the connection and reflective exchanges of the five professionals of dance and education. The work encompassed the diversity of experience of each author, addressing the issues and impacts of the pandemic on dance education from a multiple and heterogeneous set of perspectives. In this context, concerns were shared regarding going back to school and its relation with dance practices in the context of social isolation. Finally, the text presents an overview of fundamental unifying moments of writing for a collective work, as well as describes how it was possible to compile these ideas, reflections and experiences in a digital book format in order to contribute to the urgent needs that the moment presented to the dance artists and educators.

### **KEYWORDS**

Dance, Education, Pandemic, Collective Writing, Choreographed writing.

### **Prólogo**

O ano de 2020 modificou o modo de estarmos e nos relacionarmos com o mundo. Fomos assolados por uma pandemia que nos tirou de nosso eixo. A partir disso, tivemos que lidar com muitas problemáticas, como o medo, a morte, o distanciamento social, a instabilidade financeira, entre outros pontos da esfera psicossocial.

Uma das questões trazidas por essa nova configuração foi o modo como nos organizamos para o trabalho. Neste contexto, a educação também teve que ser adaptada, sem qualquer preparação para tal. Nós, artistas/educadores, tivemos que reinventar nossos meios de produzir: cada um a seu modo, dentro de suas limitações, utilizou os

meios digitais disponíveis para permanecer, para resistir. Dessa forma, às pressas e sem planejamento, a dança, assim como outras áreas que até então aconteciam majoritariamente de forma presencial, como as artes cênicas, tornou-se virtual.

Levando em consideração esse contexto, essa comunicação partilha o processo de escrita à distância do livro *Movimentos de Afeto*: por um protocolo poético e dançado de volta às aulas, elaborado por um núcleo de artistas/educadoras da dança e impulsionado pela pandemia de Covid-19.

### **Escrita coletiva**

Foi nesse cenário que se configurou o Núcleo Afetos Dança-Educação, um grupo de artistas da dança/educadoras atuantes em diversos contextos, abrangendo educação formal e não-formal, da educação infantil à universidade<sup>4</sup>. O grupo se uniu virtualmente por meio de uma chamada aberta realizada pelo Grupo do Facebook “Dança com Crianças”, em junho de 2020, com a intenção de discutir como as práticas pedagógicas em dança foram afetadas e como poderiam ser adaptadas a esse momento pandêmico.

Depois do primeiro encontro, decidimos nos encontrar semanalmente via plataforma virtual com o propósito de partilhar experiências, inquietações e dificuldades vividas em relação às práticas de dança, em suma, discutindo como lidaríamos com a complexidade das adaptações da dança na virtualidade. Assim, ao longo de algumas reuniões separamos tarefas a fim de fomentar nossas discussões. Nosso primeiro movimento foi observar as relações de distanciamento que estavam sendo impostas pela pandemia – ou o que Bruna Paiva (2020) denominou novas coreografias sociais. Inspiradas por essa autora e por seu artigo de opinião *Novas coreografias sociais pós quarentena*, que traz uma seleção de imagens pandêmicas, observamos os desenhos espaciais e coreográficos atribuídos por essa nova realidade. Depois, selecionamos

---

4 Esse grupo foi formado pelas seguintes artistas/educadoras: Carolina Romano de Andrade; Layla Mulinari (Terapeuta Ocupacional, artista da dança e Eutonista formada pelo Instituto Brasileiro de Eutonia. Idealizadora do projeto “Mover Espaços”, que promove eventos de dança e educação somática entre pessoas do universo artístico/ sócio/educativo); Luiza Romani Ferreira Banov, Renata Fernandes dos Santos e Renata Costa (artista da dança e educadora, desenvolve uma abordagem de ensino pela via da dança/movimento que nomeia de Movimento Criativo. É licenciada em dança pelo Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro e pós-graduada em Preparação Corporal nas Artes Cênicas pela Faculdade Angel Vianna).

outras imagens inspiradas na seleção de Paiva que fizessem sentido para nosso grupo. O terceiro movimento foi pesquisar e observar os grupos de dança, artistas e suas produções realizadas nesse contexto. Esses movimentos nos alimentaram para pensar uma pedagogia da dança na pandemia.

Outras questões nos atravessaram nesse período: o que é possível fazer com a dança dentro destas novas coreografias? Como usar as novas tecnologias em diálogo com a dança-educação? Qual é o papel da dança na educação no pós-pandemia? Quais são os pontos positivos e negativos da experiência de dar aula de dança virtualmente? Como se dá a relação das crianças com suas famílias neste período? Qual é o envolvimento da família neste processo? Nossa intenção não foi encontrar respostas para todas elas, mas sim entender o momento, e dessa forma criamos perguntas disparadoras para nossas partilhas.

Além destas, outra problemática nos impulsionou. Em meados de julho de 2020, começaram as discussões de volta às aulas presenciais, e junto com elas vieram os protocolos sanitários visando o retorno, escritos por secretarias de educação, escolas, institutos e instituições de ensino. Após tomar contato com esses documentos, observamos que os protocolos sanitários para as escolas não traziam perspectivas de acolhimento dos sentimentos e afetos envolvidos na complexa realidade pandêmica para nenhum dos envolvidos: crianças, famílias e educadores. A partir da constatação dessa lacuna, começamos a pensar em alternativas afetivas para um retorno, e, dentro deste cenário, em como a dança poderia contribuir para uma volta às aulas que incluísse o acolhimento.

Hannah Arendt (2016) nos diz que os adultos estariam na responsabilidade de apresentar o mundo conhecido às crianças, bem como as crianças ao mundo, já que o conhecem antes do nascimento dos recém-chegados. Neste contexto pandêmico, um novo contexto se descortina para todos nós, adultos e crianças: ainda não o conhecemos, não sabemos ao certo como será estar nessa nova escola. Precisaremos pensar no acolhimento desses “recém-chegados” considerando que todos somos novos nesse contexto: crianças, estudantes, professores e toda a comunidade escolar. (ANDRADE; SANTOS; BANOVA, 2021, p. 75).

Neste contexto, em julho de 2020, decidimos então que nossa contribuição para esse momento seria preparar um protocolo poético de retorno às aulas, que contemplasse essencialmente a dança e suas relações sensíveis. Esse processo de escrita aconteceu em diversos encontros, em forma de conversas, pesquisas e reflexões em

torno desta temática. As provocações advindas dos questionamentos citados acima nortearam nosso olhar e moveram o pensamento reflexivo da escrita do grupo. Durante esse processo, para além de nossos encontros semanais, cada uma de nós registrava suas reflexões, e a partir destas, líamos juntas, compilávamos o material e íamos ajustando um texto em comum.

Para a criação de tal protocolo, nos colocamos a tarefa de sistematizar e mapear os principais desafios impostos pelo ensino remoto e o que aprendemos ao trilhá-los com a dança, norteados pela questão: o que pudemos mobilizar dessa experiência a fim de projetarmos transformações no ensino da dança? Os desafios mapeados giraram em torno de preocupações provenientes da realidade com que cada uma das artistas/educadoras se deparou em sua atuação, tais como: as mídias como principal dispositivo de comunicação; falta de acesso da maior parte da população brasileira às tecnologias; a tela como um impeditivo à percepção de sensações, ao contato físico, primordiais para a dança; exposição excessiva das crianças e adultos às telas; a casa como espaço inadequado para a prática da dança; o distanciamento e as dificuldades do dançar junto; as famílias como mediadoras do processo de ensino-aprendizagem em dança; quando os direitos da infância são violados ou docentes são sobrecarregados.

A força de um artista vem das suas derrotas.  
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.  
Arte não tem pensa:  
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.  
(BARROS, 1996, p. 75).

Ao mesmo tempo em que tateávamos as realidades desse cenário de desafios, suas trilhas e seus destinos, elencávamos maneiras de minimizá-los ou enfrentá-los, assim como identificávamos o que nos faltava naquele momento. Esse movimento nos conduziu a três focos de atenção que se tornaram os eixos principais de proposições no protocolo poético que viria a nascer: (1) criação e manutenção de vínculos na pandemia, por meio de uma escuta sensível; (2) as coreografias sociais como potência de uma relação poética com o distanciamento na qual os saberes da dança deveriam ser centrais; (3) novas relações de presença construídas no campo da virtualidade. Por conseguinte, pudemos nos debruçar na escrita de proposições poéticas, artísticas e pedagógicas que contemplassem nossos desejos de afeto, de espaço para a criação, de acolhimento, enfim, de arte. Dessa maneira, nossa escrita ganhava a forma e o conteúdo que mais nos

fazia falta nos protocolos sanitários circulantes nos meios educacionais. O primeiro foco de atenção gerou um campo de reflexões e proposições intitulado tempo da escuta; o segundo, poética da distância; o terceiro, permanência no presente.

Após termos explicitado os três principais eixos de reflexão-proposição-escrita, verificamos se estes contemplavam as nossas maiores dificuldades como artistas da dança e educadoras em tempos de pandemia, elencadas no mapeamento de desafios da dança na educação. Por meio de tal verificação, foi possível observar uma última questão, tratada enquanto já elaborávamos as primeiras práticas artísticas/pedagógicas: para quem escreveríamos tais proposições? Nossa preocupação era vasta; era necessário: (a) pensar nas especificidades da infância que vive a pandemia; (b) acolher as famílias em suas necessidades, bem como manter o vínculo estabelecido em tempos de ensino estritamente remoto; (c) oferecer e mobilizar o repertório dos educadores na linha de frente na acolhida da criança em distanciamento social. Em síntese, isso apontava os principais envolvidos no processo de acolhimento no retorno às aulas; e eles se configuravam como três diferentes públicos: crianças, famílias e educadores.

### **Escrita coreografada**

A dança como caminho pode proporcionar mais do que o aprendizado técnico sobre o mover-se e o compor artisticamente. Ela pode, como linguagem da arte, proporcionar a vivência do universo do sentir, do afetar e do ser afetado pelo outro, pelo mundo. [...] Com muitas fronteiras borradas dos papéis previamente estabelecidos entre famílias e educadores, poderemos nos alimentar da dança e de seus saberes para viver o presente e o futuro próximo. Este poderá ser preenchido de coreografias sociais e exigirá de nós a criação de novas respostas. E a dança poderá figurar, com os seus saberes próprios, entre muitas respostas. (ANDRADE; SANTOS; BANOV, 2021, p. 80).

A cada etapa de escrita, o grupo se colocou tarefas e focos de reflexão, o que tornou possível o processo de criação coletiva. Para que esta coreografia da escrita em quinteto fosse possível, destacamos quatro momentos que foram fundamentais para o processo de redação partilhada, o que chamamos de momentos unificadores da escrita:

1º momento unificador (o quê?): definição de que estávamos criando um protocolo poético e não outro gênero de escrita;

2º momento unificador (a partir do quê?): a criação do quadro de desafios, trilhas e destinos;

3º momento unificador (para onde?): a criação dos três eixos de reflexão e proposições práticas: tempo da escuta, poética da distância, permanência no presente;

4º momento unificador (para quem?): por se tratar de um protocolo de partilha, decidimos que o público seria híbrido: crianças, famílias e educadores.

A definição de que escreveríamos um protocolo poético permitiu que as intenções de escrita se voltassem a esse formato específico. Foi possível assim conceber textos para a abertura do livro e de cada capítulo, bem como focar na proposição de ações práticas para cada um dos capítulos. Esse passo permitiu dar vazão ao nosso desejo inicial de preencher a lacuna de acolhimento que sentíamos nos diversos protocolos sanitários vigentes na época.

Era preciso mapearmos os maiores desafios vividos por nós e por outros educadores, descrevermos como superamos cada um deles e o que aprendemos com tal experiência. Esse exercício reflexivo nos permitiu concentrar esforços para vislumbrar um cenário em movimento. Os desafios da pandemia de fato estavam nos levando a descobrir novos caminhos de vida e também de ensino-aprendizagem. Vivíamos um grande processo de criação de novas soluções para problemas que nunca imaginaríamos ter. Em pouco tempo o mapa de desafios explicitou as principais dificuldades vividas por nós e por muitos educadores, mas também as soluções possíveis, os limites, os prós e contras da realidade do ensino remoto e híbrido, o que colaborou para projetarmos quais experiências gostaríamos de manter, quais repetir e aprimorar e quais não desejávamos que permanecessem no pós-pandemia. Esse quadro nos ajudou a refletir constantemente sobre a pergunta: “o que pudemos mobilizar dessa experiência a fim de projetarmos transformações no ensino da dança?” (ANDRADE; SANTOS; BANOVA, 2021, p. 76).

Ao mesmo tempo em que definimos a necessidade de mapear desafios e aprendizados, nomeamos os três eixos que estruturavam nossas proposições de acolhida. Essa definição – que criava espaço para a escuta, para as novas coreografias sociais de forma poética e para a necessidade de pensarmos e importância de exercitar a presença – nos permitiu ganhar forma em nossas proposições. A partir delas foi possível classificar nossas proposições práticas já existentes e criar algumas especialmente a partir do estímulo de se pensar: o que posso propor como exercício para um tempo de escuta? E como seria uma proposição prática para sensibilizarmos para a poética da distância? E ainda para uma permanência no presente? Nesta etapa da escrita, ela se

tornou bastante fluida e orgânica, com contribuições que vinham de várias autoras a cada um dos três eixos.

Por fim, a definição de que nosso público não era homogêneo colaborou para darmos forma às diferentes proposições, especificando um discurso e um olhar para cada um dos grupos que precisavam de acolhida. As proposições para as crianças foram ainda classificadas para crianças pequenas ou crianças grandes de acordo com as definições dos documentos do Ministério da Educação que regem a educação formal.

### **Em palcos digitais**

Sentimos que é porque somos artistas da dança que viabilizamos uma proposta coreográfica de escuta, escrita e presença coletivas desta maneira em tempos de pandemia. Nossas decisões, passo a passo, nos conduziram a momentos unificadores, momentos de tomadas de decisão, que permitiam a exposição de falas singulares, mas também produziam campo para a escuta e o diálogo em polifonias que abriam campos de troca. Assim como se faz necessário criar procedimentos para se dançar junto, por exemplo em uma sessão de improvisação em dança, podemos criar regras e combinados para que seja possível a relação e a troca-criação de repertórios; do mesmo modo, sentimos que criamos condições para a escrita coletiva.

Para tal composição, o nosso palco ao longo de seis meses foi o editor online GoogleDocs, onde foi possível desenvolver um texto de forma compartilhada e simultânea, tendo como recursos as barras de edição já conhecidas de outros editores de texto comuns, somadas à possibilidade do uso coletivo e sincrônico. Uma importante ferramenta utilizada foi o resgate de edições anteriores, que permitiam uma liberdade muito grande de escrita e edição, uma vez que a qualquer tempo poderíamos resgatar partes do texto que ficaram guardadas horas atrás na escrita. Outras ferramentas utilizadas foram a escrita no formato de sugestão, que permite rastrear as alterações feitas por outro escritor, pois o texto retirado ou inserido fica explicitamente marcado, e a escrita no formato de comentário, na qual um autor que não deseja alterar a fala do outro pode sugerir, questionar, apontar aprofundamentos necessários a certo pensamento por uma caixa de comentário que não altera o texto central.

A cada uma das autoras foi dada a fala, em texto e em voz, durante o todo o processo. A escrita teve momentos em tempo real quando as cinco autoras se conectaram via plataformas de conferências remotas. Essas duas ferramentas permitiam

que a criação do texto ocorresse sincronicamente. Nos intervalos das conferências remotas, escrevíamos individualmente, mantendo a conexão entre nós, por meio de redes sociais.

### **Por um protocolo poético de volta às aulas: Movimentos de Afeto**

Decidimos ainda, no momento de sua concepção, que o protocolo deveria ser lançado e distribuído o mais rapidamente possível. Assim, o formato digital e a forma gratuita prevaleceram, pois acelerariam o processo de disseminação do material. Um protocolo poético era tão urgente quanto os sanitários, e deveria ganhar visibilidade. O livro foi então lançado em formato digital em novembro de 2020<sup>5</sup>, seguido por 5 lives transmitidas via Instagram em que duplas de autoras se revezavam na apresentação de tópicos centrais da obra. Até o momento de fechamento da escrita deste artigo, o arquivo digital havia sido baixado por mais de 1 mil leitores. Realizamos, por fim, aulas e cursos de formação para educadores acerca do tema do livro.

Destacamos que todo o processo ocorreu à distância, e que este grupo de escritoras nunca se encontrou fisicamente desde então – algumas inclusive jamais se encontraram pessoalmente. Estamos em cidades diferentes, e esse livro é um marco do nosso processo como artistas/educadoras da dança durante a pandemia, e registra nossas contribuições afetuosas a todos, crianças, famílias e educadores, que viveram a pandemia.

### **Epílogo**

No trabalho o homem intui. Age, transforma, configura, intuindo. O caminho em toda a tarefa será novo e necessariamente diferente. (OSTROWER, 2008, p. 70).

Arte é movimento, pedagogia é movimento, escrita é movimento... Enquanto escritoras e artistas da dança, estivemos sempre dançando, em movimento! Não foi à toa que nos encontramos para realizar essa partilha, na qual pudemos experimentar uma escrita coletiva e ativar nossas ações, a partir de um objetivo comum, de forma cooperativa para a construção textual. Para Maria, Machado e Behar (2015), a escrita

---

<sup>5</sup> Para acessar o e-book de forma gratuita, basta preencher o formulário disponível em: <https://mailchi.mp/1692dd304301/movimentos-de-afeto>.

coletiva acontece quando um grupo de pessoas trabalha de forma cooperativa, ou seja, o coletivo possui um objetivo em comum para a construção de uma produção textual, gerando um resultado uniforme. Além disso, nessas referências pudemos observar que é necessário haver a colaboração de todos os membros do grupo, com sugestões, questionamentos, apontamentos e indagações, para que o resultado final do processo de registro das ideias fique de acordo com as ideias de todos os autores.

Nossa escrita aconteceu por meio de ações coordenadas por conversas, encontros virtuais na busca de objetivos compartilhados e, segundo os autores, “os aspectos da colaboração e cooperação no contexto da escrita coletiva, as produções recebem um impacto significativo, pois abrangem diferentes níveis de cognição quando comparados com os envolvidos na ação individual. Logo, trabalhar, tanto de forma colaborativa quanto cooperativa, pode representar ganhos para o processo da escrita” (MARIA; MACHADO; BEHAR, 2015, p. 3).

Se por um lado a pandemia distanciou as pessoas fisicamente e trouxe à superfície os desafios de nosso tempo, evidenciando a rapidez das soluções tecnológicas, e com isso conduzindo todos a estarem conectados à tecnologia de forma incansável, foi também a tecnologia que propiciou conexões humanas diante deste caos. Na distância, na solidão dos pensamentos e angústias, pudemos nos conectar virtualmente por um pouco de humanidade, por um pouco de troca, por um pouco de respiro. Mesmo que não nos fosse possível usar todos os nossos sentidos, como o tato e o olfato, ouvir o outro e ser ouvido por ele parece ter sido um pilar fundamental para lidarmos com a distância.

Neste sentido, a escrita coletiva que acontecia simultaneamente, na construção de Movimentos de Afeto: por um protocolo dançado e poético de volta às aulas era, muitas vezes, quase como um toque humano do outro lado da tela. Estivemos unidas em pensamento e propósito, e este fato nos fortaleceu emocionalmente diante do caos; trouxe novos sentidos para um ofício que antes realizávamos cada uma em seu canto e muitas vezes em solidão; o ofício da pesquisa e da prática reflexiva que compõem o artista pesquisador.

Foi um ato que nos permitiu nos conectarmos em uma escuta atenta e entregue, no sentido de acolher e estar disposto a abrir mão... De fato, a prática da dança estava diante desse impasse também: acolher o desconhecido e abrir mão do território seguro para se reinventar, se reconhecer por uma nova ótica nunca antes pensada. E foi a partir do impensável que pudemos desvendar possibilidades de atuação na nossa área:

preocupava-nos o que naquele momento acontecia e como a dança poderia contribuir para este novo momento. Com certa distância e pouco a pouco refletindo sobre o que fazíamos, é possível afirmar que buscamos respostas para nós mesmas enquanto artistas e pesquisadoras. Os eixos que fundamentam nossa escrita coletiva, inconscientemente, podem revelar uma conversa latente que tivemos umas com as outras no desejo de encontrar respostas para as angústias que tínhamos naquele momento.

A escuta nos pareceu fundamental para a reflexão das novas relações; não por acaso foi também determinante para uma escrita coletiva. Como bem nos coloca a artista Fayga Ostrower, “As formas de percepção não são gratuitas nem os relacionamentos se estabelecem ao acaso. Ainda que talvez a lógica de seu desdobramento nos escape, sentimos perfeitamente que há um nexo [...] nessa busca de ordenação e de significados reside a profunda motivação humana para criar” (2008, p. 9).

Pela poética da distância, pudemos nos inspirar a partir dos preceitos coreográficos e da observação e percepção das novas coreografias sociais, reconhecendo os saberes da dança como ponto de partida fundamental para tal. Foi na distância que pudemos vivenciar uma nova perspectiva de relação com o outro. A distância nos conduziu para nos descobrir em uma nova dimensão (a virtualidade), em nova relação (de trabalho, de afeto, de vida), novas articulações de pensamento e de diálogo. Foi diante dessa nova perspectiva que também reinventamos a ordenação de tudo isso; dos pensamentos, escrita, criação coletiva; coreografias de palavras e pensamentos em um texto ordenado comum.

A permanência no presente parecia-nos uma chave fundamental... O presente, estado de presença, presença cênica, características tão primordiais da arte da dança, ganharam mais atenção a partir de uma realidade de presença distante. A relação com a presença foi e está sendo muito discutida diante da virtualidade que a pandemia nos impôs, e assim observamos que esta temática seria um eixo importante para nossas reflexões e proposições no livro em questão. Como muito bem nos aponta Ostrower:

Além dos impulsos do inconsciente, entra nos processos criativos tudo o que o homem sabe, os conhecimentos, as conjecturas, as propostas, as dúvidas, tudo o que ele pensa e imagina. Utilizando seu saber, o homem fica apto a examinar o trabalho e fazer novas opções. O consciente racional nunca se desliga das atividades criadoras; constitui um fator fundamental de elaboração.” (2008, p. 55).

Por fim, a partilha que fazemos neste artigo descreve a experiência de escrita coletiva entre cinco artistas e como esta experiência revelou os impulsos conscientes e inconscientes de cada uma, em um borbulhar de pensamentos, sentimentos do momento vivido. Destacamos como os quatro momentos unificadores permitiram nos organizarmos coletivamente em torno de focos de reflexão, e como os três pilares – escuta, distância e presença – foram vias fundamentais para articularmos os pensamentos e práticas propostas em palavras. Ressaltamos igualmente a importância da construção de um quadro de desafios que nos deu uma panorama do que vivíamos à época. A definição do público e do formato de protocolo poético conformaram a escrita e a poesia do texto. Essa escrita foi coreografada por nós, pelo desejo de estarmos juntas procurando maneiras possíveis de estar, ser e contribuir neste período tão único e inesperado.

## REFERÊNCIAS CITADAS

ANDRADE, Carolina Romano; SANTOS, Renata Fernandes; BANOV, Luiza Romani Ferreira. **Danças de um Tempo**: Pedagogias da ausência em meio à pandemia, Revista Cena, Porto Alegre, nº 34 p. 73-82 maio/ago. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/110540>. Acesso em: ago. 2021.

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In.: ARENDT, Hannah. (Org.). **Entre o passado e o futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa de Almeida. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MARIA, Sandra Andrea Assumpção; MACHADO, Leticia Rocha; BEHAR, Patricia Alejandra. Escrita coletiva: a construção de textos virtuais com o apoio da recomendação de conteúdos. In: Jornada de Atualização em Informática na Educação – JAIE, IV, 2015, Maceió. **Anais** [...]. Maceió: Sociedade Brasileira de Computação, 2015. pp. 1-20. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/pie/article/view/3549/2935>. Acesso em: ago. 2021.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAIVA, Bruna. **Novas coreografias sociais pós quarentena**: a sociedade (e a escola) reinventada?. Medium, 2020. Disponível em: <https://brunaepaiva.medium.com/novas-coreografias-sociais-p%C3%B3s-quarentena-a-sociedade-e-a-escola-reinventada-1a8063c7b1ac>. Acesso em: ago. 2021.